

“SOBRE A ADIVINHAÇÃO”

Beatriz RIBEIRO GRATTI¹

ABSTRACT: This paper aims at discussing some aspects of the Roman divination as it was considered by Cicero in his book *De Divinatione*. We expect to contribute to the study of Roman divination through the production of a reference translation of Cicero's *De Divinatione* in Portuguese.

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende apresentar o projeto de pesquisa de mestrado em andamento, o qual é uma continuidade do trabalho feito na Iniciação Científica de tradução e estudo do primeiro livro da obra *De Divinatione* de Marco Túlio Cícero.²

O trabalho pretendido por nós possui quatro objetivos. O primeiro deles é a revisão da tradução do primeiro livro do *De Divinatione*, realizada na Iniciação Científica. O segundo é a tradução do livro II. Para isso, utilizaremos o texto estabelecido na edição de Arthur Stanley Pease, e as demais edições, que constam na bibliografia do projeto, serão eventualmente consultadas. O terceiro objetivo é a confecção de notas explicativas, que poderão ser intertextuais (apontando os textos e autores que Cícero evoca), lingüísticas e históricas (elucidando termos e passagens acerca da cultura e religião romana que possam causar estranheza ao leitor). O quarto objetivo é a elaboração de um estudo introdutório, mais aprofundado, acerca da prática da adivinhação na Roma Antiga e da posição de Cícero a respeito do tema. Atenção especial será dada à observação dos recursos retóricos de que o autor se serve para a discussão dos prós e contras da crença na adivinhação. Para realizarmos essa tarefa, utilizaremos os ensaios mencionados na bibliografia e consultaremos outras obras ciceronianas, como por exemplo, o *De Legibus*, para observarmos as opiniões de Cícero, muitas vezes conflitantes, a respeito da adivinhação.

A importância deste projeto de pesquisa se justifica pela inexistência, até onde se sabe, de uma tradução portuguesa do *De Divinatione*. E caso exista alguma, é, por certo, de difícil acesso atualmente e a nossa poderá ser utilizada para fins de confronto. Além disso, por retratar um aspecto específico da religião romana antiga, nossa pesquisa poderá contribuir para a área de História das Religiões.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Lingüística, no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)/ Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Bolsista Fapesp, processo 05/58782-8. E-mail: biagratti@yahoo.com.br.

² A pesquisa de Iniciação Científica, que consistiu em estudo introdutório ao tema da adivinhação e tradução do primeiro livro do *De divinatione*, foi contemplada com bolsa PIBIC/CNPq, no período de agosto de 2004 a julho de 2005.

A OBRA

O *De Divinatione*, a principal obra da Antigüidade que nos chegou a respeito da adivinhação,³ narra um diálogo entre Cícero e seu irmão Quinto, ambientado em sua vila em Túsculo. É considerado parte de uma trilogia sobre temas religiosos e teológicos, juntamente com o *De Natura Deorum* e o *De Fato*. Há várias referências cruzadas entre as três obras; o pretexto para o diálogo *De Divinatione* é apresentado em V 8-9⁴, onde Quinto, após uma leitura do *De Natura Deorum*, questiona Cícero sobre a adivinhação, assunto tratado muito brevemente em tal obra.⁵ Ao final do primeiro livro, em LVI 127, há uma referência à futura obra sobre o destino, o *De Fato*.

A estrutura do *De Divinatione* é tipicamente neo-acadêmica. É dividido em dois livros: no primeiro há uma defesa da adivinhação através do personagem de Quinto, com argumentos provenientes do estoicismo; no segundo livro esses argumentos são veementemente refutados por Cícero “com uma lógica impiedosa (...) e com notável demonstração de humor e sarcasmo.”⁶

Cícero apresenta argumentos retirados de uma extensa bibliografia a respeito da adivinhação, que vai desde Xenófanes de Colofão, filósofo do século VI a.C., até autores de seu tempo como Cratipo, passando por ensinamentos pitagóricos, socráticos, peripatéticos, epicuristas e estóicos. O seguinte trecho é um exemplo de como Cícero menciona opiniões de vários autores antigos e mostra o quanto a adivinhação era debatida:

Foram, por outro lado, reunidos certos argumentos refinados dos filósofos para demonstrar por que a adivinhação seria verdadeira. Destes, para falar sobre os mais antigos, Xenófanes de Colofão foi o único que, embora dizendo que os deuses existem, negou inteiramente a adivinhação; mas todos os demais, com exceção de Epicuro, que balbucia sobre a natureza dos deuses, aprovaram a adivinhação, porém não do mesmo modo. De fato, Sócrates e todos os socráticos, Zenão e aqueles que provieram dele, permaneceram na opinião dos antigos filósofos, com aprovação da velha Academia e dos peripatéticos; Pitágoras já anteriormente atribuíra a ela uma grande autoridade, uma vez que ele próprio queria ser áugure; Demócrito, um autor de peso, comprovou o pressentimento das coisas futuras em várias passagens; Dicearco, um peripatético, suprimiu os demais tipos de adivinhação, deixou a pelos sonhos e

³ A adivinhação na Antigüidade era vista não apenas como um meio de saber o que aconteceria no futuro, mas, principalmente, como uma forma de contato entre os homens e os deuses, para assim se conhecer a vontade divina. Acreditava-se que os deuses, por meio de sinais, enviavam mensagens aos homens, tanto de forma espontânea como em resposta a uma pergunta de algum mortal, que poderia ser formulada num âmbito pessoal ou em caráter público. Era uma prática tão importante que era considerada parte da religião oficial de muitos povos antigos, como Grécia, Roma, Etrúria, Mesopotâmia, etc.

⁴ “...há pouco tempo li todo o teu terceiro livro sobre a natureza dos deuses, (...) mas o que se omitiu naqueles livros (acredito que porque julgaste ser mais conveniente que fosse investigado e debatido separadamente), foi a respeito da adivinhação (...)”

⁵ Cf. CICERO, *De Natura Deorum*, II 3-5.

⁶ Falconer, in Cícero, *De Divinatione*, p.217.

pelo furor; Cratipo, amigo nosso, a quem eu julgo igual aos maiores dentre os peripatéticos, deu crédito a estas coisas, rejeitou os tipos restantes de adivinhação. Mas defendendo os estóicos quase tudo isso (o que Zenão espalhou em seus comentários como certo tipo de sementes, e Cleantes o fizera com um pouco mais de abundância), um homem de inteligência agudíssima veio a acrescentar-se, Crisipo, que explicou todo o pensamento acerca da adivinhação em dois livros, um primeiro sobre oráculos, outro sobre sonhos; seguindo-o, Diógenes da Babilônia, ouvinte dele, publicou um livro, Antípatro dois, e cinco o nosso Possidônio. Mas até mesmo o principal nome dessa escola, Panécio, mestre de Possidônio, discípulo de Antípatro, se afastou dos estóicos; contudo, não ousou negar que há a capacidade de adivinhação, mas dizia duvidar.⁷

Vincenzo Marmorale (1933-34, p.8) ressalta que, embora Cícero não tenha construído um sistema filosófico próprio, ele deixou à posteridade um grande legado, pois, não fosse por suas extensas citações e referências a outros autores, muitos pensamentos e sistemas filosóficos da Antigüidade estariam perdidos.⁸

Alguns estudiosos afirmam que o primeiro livro do *De Divinatione* é baseado na obra do estóico Possidônio.⁹ Porém esta é uma afirmação difícil de comprovar, pois só restaram fragmentos de Possidônio.

A defesa da adivinhação no livro I é feita principalmente pela apresentação de exemplos, de anedotas sobre as práticas divinatórias e quase não há reflexões filosóficas mais complexas a favor da adivinhação. Schofield diz que essa é uma característica estóica.¹⁰

Em consonância com o caráter inovador da filosofia de Cícero, um número considerável desses exemplos é de origem romana, desde os mitos de fundação da cidade até mesmo sonhos proféticos do próprio Cícero e de seu irmão.¹¹ Para Schofield, a introdução de vários exemplos romanos enfatiza o discurso a favor da adivinhação, pois mostra o quanto essa prática estava presente e era fundamental na vida dos antigos romanos.¹²

⁷ CICERO, *De Divinatione*, I 5-6.

⁸ Esse ponto de vista que resume a contribuição dos escritos filosóficos de Cícero a uma simples compilação de idéias alheias está sendo revisto a partir do século XX (cf. Powell 1995, *passim*). O assunto foi abordado em Lima (2004, *passim*) dissertação de Mestrado inédita defendida no Departamento de Linguística da Unicamp.

⁹ “E porque, entre os estóicos, Possidônio foi o que com maior seriedade e maior rigor, digamos, científico, defendeu a adivinhação, é provável que um tratado seu seja de fato o modelo do qual se serviu Cícero.” Marmorale, in Cicerone, *De Divinatione*, p. 12.

¹⁰ “Mas o apelo à experiência é realmente muito estóico, e sua proeminência no livro I provavelmente reflete uma estratégia estóica. Geralmente os estóicos insistiriam que alguém pode saber *algo* (ὅτι), sem saber o *porquê* (δι’ οὗτι): que todos nós podemos ter uma certeza (uma φαντασία καταληπτική) a respeito de algo que apenas exista, ainda que possa ser objeto de entendimento científico ἐπιστήμη) apenas para Deus ou para o Sábio.” Schofield (1986, p.51).

¹¹ Cf. *De Divinatione*, I 58-59.

¹² “Então, o método por anedotas do livro I não é apenas algo apropriado ao apelo à experiência sobre o qual a causa a favor da adivinhação deve se apoiar. Sua ênfase romana contempla duas outras coisas também: isso dá ao argumento filosófico um peso extra, e faz isso

Há nas anedotas do livro I uma outra pretensão além de servir de argumento: Cícero as utilizaria como demonstração de seus dons artísticos:

Deste inteligente trabalho de adaptação [das fontes gregas] e de integração [da tradição romana], surge uma das obras mais interessantes da produção ciceroniana: obra viva, que se faz notar também pelos dons que prescindem da demonstração filosófica: pelos dons eminentemente artísticos.¹³

Na obra *De Divinatione* estão conservados 78 versos da obra poética ciceroniana intitulada *De consulatu suo*. Nesse opúsculo, originalmente em três livros, Cícero elogia seus feitos durante seu consulado, principalmente quanto à luta contra Catilina. A poesia ciceroniana ficou conhecida pela posteridade como sendo de pouco valor poético e de mau gosto, opinião que hoje é colocada em dúvida,¹⁴ e a obra citada no *De Divinatione* seria a pior delas. É nela que se encontra a máxima *o fortunatam natam me consule Romam*, símbolo da arrogância de Cícero e exemplo de um muito propalado mau gosto (no cacófato *fortunatam natam*).

Cícero também cita fragmentos de poesia arcaica romana. O mais relevante deles é um trecho de vinte hexâmetros de Ênio sobre a fundação de Roma, quando Rômulo e Remo tomaram os auspícios para saber quem seria o fundador. Assim, a obra se torna fonte importante para a reconstituição da poesia romana mais antiga, que só nos chegou através de fragmentos mais ou menos extensos.

Já o livro II apresenta uma outra forma de argumentação. Se no livro I o personagem de Quinto busca convencer através de exemplos, no livro II o personagem de Cícero se baseia em teorias filosóficas para argumentar contra a adivinhação e, principalmente, zomba dos argumentos de Quinto.¹⁵

Os estudiosos divergem quanto à interpretação do livro II. Alguns, como Schofield (1986, *passim*), vêem no livro a opinião pessoal de Cícero quanto à adivinhação, isto é, Cícero seria cético quanto a essa prática religiosa. Para Schofield, o ceticismo de Cícero presente não só no *De Divinatione*, mas também nas outras obras filosóficas, seria fruto da aproximação de Cícero à Nova Academia. Beard (1986, *passim*), por sua vez, diz que

mostrando o quão sólido e inevitável é o papel da adivinhação no mito e na história romana.”. Schofield (1986, p.53).

¹³ Marmorale, in Cicerone, *De Divinatione*, p.12. Tal ponto de vista converge com o de Schofield (1986, p.52): “Este dilúvio de exemplos permite a Cícero se entregar às suas habilidades de contador de histórias (para não mencionar suas ambições como poeta) numa escala muito maior que o limitado espaço disponível no *ND* inicialmente permitiu. O leitor deve ser perdoado por sentir às vezes que o verdadeiro objetivo do *Div. I* é simplesmente dar a ele a oportunidade de fazer isso.”

¹⁴ Jane Crawford, por exemplo, no verbete *Cicerone* da *Enciclopedia Virgiliana*, diz que “os estudiosos estão de acordo em afirmar que, sem a contribuição ciceroniana ao metro latino, os resultados obtidos por Virgílio teriam sido muito mais difíceis” (vol I, p. 776).

¹⁵ Diz Schofield (*Ibidem*, p.54): “O fato de a causa estoica se apoiar no livre apelo à experiência permite a Cícero, no livro I, multiplicar as anedotas às custas dos argumentos e teorias filosóficas gregas. O mesmo fato oferece a ele, no livro II, a oportunidade de devotar proporcionalmente pouco espaço à refutação de argumento e teoria, mas muitas oportunidades de ridicularizar os *exempla* de Quinto.”

não há como concluir pelo ceticismo de Cícero a partir do livro II do *De Divinatione* e observa que ao mesmo tempo em que Cícero se mostra contra a adivinhação no *De Divinatione*, em outros momentos de sua produção (como no *De Legibus*, cartas e discursos), ele defende a religião tradicional. Alguns estudiosos que, por sua vez, defendem o ceticismo de Cícero dizem que as opiniões a favor da religião tradicional são meramente convencionais e não sinceras.¹⁶ Beard enfatiza que o próprio Cícero não expressa suas conclusões no final do livro II, deixando a questão em aberto, atitude que seria própria da Academia.¹⁷ A estudiosa também argumenta que, no *De Divinatione*, a escolha dos personagens Quinto e Cícero, irmãos, ambos da elite, serve para equilibrar as opiniões contrárias, o que auxilia a ausência de conclusão. O que seria diferente nas *Tusculanas*, por exemplo, em que o segundo interlocutor é de um *status* inferior.

Schofield refuta Beard, apontando “a genialidade e a ferocidade da retórica do livro II”. Para aquele, tal aspecto impediria a anulação do ponto de vista ciceroneano, que seria contrário à adivinhação, ou melhor, nas palavras de Schofield: “uma demolição, por Cícero, da crença na adivinhação”.¹⁸

É preciso lembrar que Cícero se dedicou ao tema da adivinhação num período em que crescia a crença em superstições em meio ao povo, ao mesmo tempo em que a elite romana era influenciada pela filosofia helenística e pelas idéias cétricas. Foi um observador e crítico das crises e transformações de sua época, com o conhecimento dos discursos filosóficos sobre o tema e também com profundo conhecimento da história dessa prática em Roma, uma vez que o próprio Cícero era um áugure. Para Schofield, a faculdade de exercer tal função facultou ao orador ainda o conhecimento mais aprofundado das discussões do tema na filosofia grega. Além disso, o tema seria favorável ao exercício da arte retórica ciceroniana. “E por último, mas não menos importante, era um tópico que o capacitou a deixar seus poderes como escritor e como orador fluírem mais livremente que na maioria das áreas da filosofia”.¹⁹

De nossa parte, não nos parece verossímil que, embora tendo usado de método que concede espaço a posições distintas acerca de um mesmo tópico, Cícero tenha composto imparcialmente um tratado filosófico sobre tema tão importante para a sociedade romana, sobre uma prática que, como mencionamos, estava tão em voga em sua época.

¹⁶ Outros acreditam que no *De Natura Deorum* e no *De Divinatione*, escritos após o *De Legibus*, há uma mudança de opinião por parte de Cícero a respeito da religião. Mas Beard (1986, p.34) ressalta que, de qualquer forma, dificilmente o ceticismo (no sentido moderno do termo) ciceroniano presente no *De Divinatione* é questionado.

¹⁷ “Esses que deduzem o ceticismo pessoal de Cícero a partir do segundo livro do *De Divinatione* ignoram esta clara negação de uma conclusão direta e se recusam a tratar o diálogo como um todo, como uma comparação de argumentos a favor e contra a adivinhação”. Beard (1986, p.35).

¹⁸ “Se Cícero pretendeu isso ou não [isto é, mostrar-se contra a adivinhação] (...), este é o significado que o *Div.* deve ter tido em seu contexto histórico, e o significado que ainda tem para o leitor moderno inteligente. Pois para todos, exceto ao mais sofisticado intelectual romano, o *Div.* deve ter sido tomado fundamentalmente como uma demolição, por Cícero, da crença na adivinhação. O que terá impressionado seus contemporâneos não é as cuidadosas nuances acadêmicas, mas a genialidade e a ferocidade da retórica do livro II.” Schofield (1986, p.61).

¹⁹ Schofield, (*Ibidem*, p.51)

Durante a tradução do livro I da obra *De divinatione*, pudemos perceber o cuidado com que os argumentos são apresentados, mas nossa impressão é de que tal apresentação convergirá para um ponto de vista específico. No entanto, a apreensão de qual seja este ponto de vista não se dá de modo direto ao leitor moderno, para quem a obra apresenta lacunas, não somente quanto ao conteúdo, quanto aos temas envolvidos na argumentação, mas ainda quanto à própria forma argumentativa, que remonta a recursos retóricos da Antigüidade greco-romana, com os quais o orador se tornou célebre na arte oratória.

Nessa etapa de nossas investigações, em que nos dedicamos à tradução do restante da obra em estudo, pretendemos rever a questão do ponto de vista ciceroniano acerca da adivinhação, observar (na esteira de estudos que revalorizam a filosofia ciceroniana e romana em geral), sua possível originalidade filosófica. A investigação vindoura da obra *De divinatione* guia-se, pois, pela conclusão a que chegamos no presente estudo introdutório, a saber: a necessidade de considerar técnicas da retórica antiga empregadas por Cícero na obra latina a ser traduzida e apreciada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BAYET, J. (1984). *La religion romana. Historia política y psicológica*. Madrid: Ediciones Cristiandad.
- BEARD, M. (1986). "Cícero and divination: the formation of a latin discourse". *JRS*, v.76, 33-46.
- BLOCH, R. (1985). *La adivinación en la antigüedad*. Traducción de Victor Manuel Suárez Molino. México: Fondo de Cultura Económica.
- CICERO. (1963). *De divinatione. Libri duo*. Edited by Arthur Stanley Pease. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.
- _____. (1992). *De divinatione*. Loeb Classical Library. Translated by W.A. Falconer. Harvard University Press.
- _____. (2003). *Sobre a natureza dos deuses*. Tradução de Leandro Abel Vendemiatti. Campinas: Unicamp. (Dissertação de mestrado inédita.)
- _____. (1999). *Sobre la adivinación*. Biblioteca Clásica Gredos. Introducciones, traducción y notas de Angel Escobar. Madrid: Editorial Gredos.
- CICERÓN. (1937). *De divinatione*. Paris: Garnier, 1937.
- _____. (1968). *Traité des lois*. Texte établie et traduit par Georges de Plinval. Paris: Les Belles Lettres.
- _____. (1997) *Traité du destin*. Texte établie et traduit par Albert Yon. Paris: Les Belles Lettres.
- CICERONE. (1933). *De divinatione*. Introduzione e commento di Vincenzo Marmorale. Milano: C. Signorelli.
- _____. (2006). *Della divinazione*. Milano: Garzanti.
- GIORDANI, M. C. (1976). *História de Roma*. Petrópolis: Vozes.
- MONTERO, S. (1998). *Deusas e adivinhas: mulher e adivinhação na Roma Antiga*. Tradução de Nelson Canabarro. São Paulo: Musa Editora.
- POWELL, J.G.F. (1995). *Cicero the philosopher*. Oxford: Clarendon.
- SCHOFIELD, M. (1986). Cícero for and against divination. *JRS*, v.76, p.47-65.